

DIÁRIOS REFLEXIVOS NA PERSPECTIVA DE UMA PESQUISADORA ODS 4 – Educação de Qualidade

Jane Prado de Oliveira (Universidade de Taubaté)
Ana Maria Gimenes Corrêa Calil (Universidade de Taubaté)

Resumo

Este artigo tem como objetivo geral apresentar o diário reflexivo como uma possibilidade proeminente de apreensão de informações e reflexão dentro do contexto investigativo da pesquisa. Ele corresponde a um recorte da dissertação “A literatura infantil na primeira infância: uma análise de práticas pedagógicas a partir da pesquisa-formação” e tem o intuito de trazer algumas observações e considerações da pesquisadora captadas ao longo do seu processo investigativo com professoras de crianças de 0 a 3 anos. No caso da dissertação, o objetivo do trabalho foi analisar, por meio de um processo formativo, como a literatura infantil é pensada e trabalhada por professores de crianças de zero a três anos em uma unidade de Educação Infantil integral, sendo assim, houve a necessidade constante de registrar e refletir sobre aspectos relevantes que emergiram durante os encontros com as docentes. Os registros de caráter reflexivo foram inspirados nas publicações de Zabalza (2004) e contemplaram algumas observações da pesquisadora diante de sete encontros de pesquisa-formação além de uma entrevista individual semiestruturada com as participantes. De acordo com Zabalza (2004), a reflexão se projeta em duas importantes perspectivas, sendo elas: uma reflexão sobre o objeto narrado e outra sobre si mesmo, o narrador. A partir do diário reflexivo escrito pela pesquisadora, aspectos relevantes emergiram na pesquisa e suscitaram olhares mais profundos e alargados diante das suas diferentes conjecturas. Neste sentido, alguns registros serão apresentados neste artigo como forma de demonstrar as possibilidades de uma escrita que fomenta a reflexão e, conseqüentemente, enriquece a pesquisa sob um viés humanizado e atento aos relevantes eventos e seus respectivos detalhes, sem perder o teor científico da investigação, da coleta e da análise de informações.

Palavras-chave: Diário reflexivo; Pesquisa-formação; Formação de professores; Literatura infantil; Educação Infantil.

Introdução

Este artigo intitulado como “Diários reflexivos na perspectiva de uma pesquisadora” corresponde a uma seção da dissertação “A literatura infantil na primeira infância: uma análise de práticas pedagógicas a partir da pesquisa-formação” que, por sua vez, pretendeu analisar, por meio de um processo formativo, como a literatura infantil é pensada e trabalhada por professores de crianças de zero

a três anos em uma unidade de Educação Infantil integral. Desta forma, a demanda da análise requer sempre uma profundidade em sua essência, a fim de que haja um enriquecimento do conteúdo e da abordagem, bem como dos significados apreendidos no contexto investigativo.

A coleta de informações requer a apreensão de dados pertinentes à pesquisa e, por isso, precisa de atenção e acuidade daquele que se compromete a investigar aspectos inerentes ao objeto, debruçado sobre as demandas do rigor científico e da validade e confiabilidade de todo o processo. Desta forma, é necessário prezar pela qualidade das informações na pesquisa, inserindo conteúdos significativos e coerentes com seus objetivos. Assim, o diário reflexivo pode ser um importante instrumento de pesquisa devido ao seu potencial de apreensão de informações, bem como de reflexões concernentes.

Ao longo da pesquisa, o diário reflexivo foi produzido pela pesquisadora como forma de registrar suas percepções acerca das experiências vividas e analisar os processos e dados coletados sob diferentes perspectivas. Sendo assim, no caso deste artigo, o objetivo geral é apresentar o diário reflexivo como uma possibilidade proeminente de apreensão de informações e reflexão dentro do contexto investigativo da pesquisa.

De fato, as informações aqui presentes não correspondem à totalidade de registros feitos ao longo da pesquisa, mas ao demonstrar uma pequena parte do diário reflexivo, pode-se inspirar outros pesquisadores a implementarem esta ferramenta em busca de qualidade no trabalho que se pretende empreender. Além disso, os diários reflexivos podem ser estudados e contemplados sob a ótica de outros autores que ensejam o caráter reflexivo a partir da escrita.

Revisão da literatura

O que são os diários reflexivos? Podemos supor o que eles são a partir do significado relacionado a cada palavra. Os diários, por exemplo, ensejam as narrativas, as descrições, os apelos, os desabafos... A reflexão, de maneira geral, pode corresponder a um pensamento mais elaborado e aprofundado sobre algo ou alguém... Enfim, a partir destas breves e superficiais suposições, pode-se capturar alguns significados correspondentes ao diário reflexivo e, ainda, concluir que a

escrita de um diário pode levar quem o escreve à reflexão, à medida que a escrita passa a dialogar com a subjetividade e as experiências do escritor.

Ao falar sobre o “diário de aula”, revelando seu caráter profundamente reflexivo, Zabalza (2004) aponta para a escrita dos processos que leva o professor a aprender a partir de sua própria narração, já a reflexão, condição inerente à escrita, traz consciência ao processo de ensino, sendo, portanto, um componente fundamental ao diário.

O autor aponta ainda que a reflexão se projeta em duas vertentes: uma reflexão sobre o objeto narrado e outra sobre si mesmo, o narrador. Ao lado de outras duas dimensões constitutivas da potencialidade do diário, destaca-se aqui a escrita e a reflexão como ações iniciais que abrirão espaço ao encontro de novas perspectivas.

No que se refere à sua composição, o autor comenta que no diário “aparece o que os professores sabem, sentem, fazem etc. assim como as razões pelas quais o fazem e a forma como o fazem” (Zabalza, 2004, p. 45). Ao transpor este apontamento para o contexto da pesquisa, o pesquisador pode utilizar esta ferramenta descrevendo ações e sentimentos para, em seguida, realizar um diálogo com as bases teóricas do estudo. Ao se propor a escrever suas observações e impressões, o pesquisador evocar à memória aspectos relevantes ao entalhamentos de informações.

Os diários reflexivos são inspirados em Zabalza (2004) quando ele aponta os diários de aula e os define como documentos em que os docentes “anotam as impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas” (Ibidem, p.13). Mas, e os diários reflexivos? Onde eles cabem na experiência investigativa acadêmica? Para este autor, os diários possuem diversas modalidades e, no caráter reflexivo, a narração trata de “aclarar as próprias ideias sobre os temas tratados” (Ibidem, p.15). Desta forma, as ideias se tornam mais evidentes e, quiçá, mais organizadas a fim de se encontrarem aos objetivos, aos anseios. Podem ser uma luz que se acende em meio ao devaneio das incertezas e dos desafios.

Sousa e Ribeiro (2020) comentam que, a experiência das professoras de educação infantil ao escreverem diários reflexivos permitiu uma produção de sentidos sobre experiências vividas pelas docentes, mostrando-se eficientes no desenvolvimento profissional. Esta captação de sentidos corresponde, inicialmente,

a visitas à memória pessoal, com suas experiências diversas relacionadas ao que, de alguma forma, corresponde à pesquisa em si. A escrita atrai estas memórias para um registro e convida à reflexão daquilo que se põe diante dos olhos.

Zabalza (2004) também fala de uma escrita que estimula uma visão autocrítica e leva o escritor a ter um olhar mais sensível aos possíveis erros e ser pesquisador de sua própria ação. Segundo ele, “tanto escrever sobre o que fazemos como ler sobre o que fizemos nos permite alcançar certa distância da ação e ver as coisas e a nós mesmos em perspectiva” (Zabalza, 2004, p. 136). Esta visão coloca o pesquisador numa nova perspectiva: a de suas ações que, de certa forma, podem influenciar o processo de pesquisa.

O pesquisador tem a tendência a olhar apenas para o objeto de pesquisa, no entanto, suas ações possuem interferências. Para o autor, “estamos tão entranhados no cotidiano, nessa atividade frenética que nos impede de parar para pensar, para planejar, para revisar nossas ações e nossos sentimentos que o diário é uma espécie de oásis reflexivo” (Zabalza, 2004, p. 136). Certamente, as correrias impostas pelo cotidiano cegam os olhos daqueles que estão imersos tantos desafios e afazeres.

A escrita é um convite a diminuir a marcha na medida em que os olhos se põem a pesquisar pequenos, mas valiosos, tesouros. A reflexão que acompanha tais registros lapidam o material bruto, revelando em seguida, o brilho de sua essência.

Método

Esta pesquisa é de natureza qualitativa no viés da pesquisa-formação. Foi realizada ao longo de sete encontros formativos de cunho colaborativo e uma entrevista individual semiestruturada com nove professoras. Dentro do contexto de literatura infantil, elas foram identificadas no trabalho como “Chapeuzinho” e uma cor específica, fazendo alusão à história infantil “Chapeuzinho Vermelho”.

Para acompanhar todo o processo de pesquisa, a pesquisadora escreveu um diário reflexivo, tendo como inspiração o que Zabalza (2004) apresentou como “diários de aula”, apreendendo se teor de escrita reflexiva e transpondo-a para o contexto de investigação.

Os elementos escritos no diário ao longo dos encontros com as participantes foram além dos registros puramente descritivos, servindo como instrumento especial de captação de dados que, por sua vez, dialogam com as experiências, os estudos e

os movimentos sentidos pela pesquisadora, dentro de um processo colaborativo de pesquisa-formação.

Para a análise, utilizou-se a análise de prosa inspirada em André (1983) e Sigalla e Placco (2022).

Resultados e Discussão

1. O primeiro encontro: o convite e os receios

A experiência com a pesquisa mudou a minha perspectiva. Se antes, como professora, eu olhava os pesquisadores de uma forma, naquele instante, como pesquisadora, a visão tornava-se diferente, mais ampliada e substancial. Não era a visão de apenas uma pesquisadora, mas de uma professora com muitos anos vividos na creche. No entanto, havia uma apreensão diante das experiências que envolviam a pesquisa como, por exemplo, o convite às colegas:

“¹Chegou a hora! Para algumas parceiras, o convite já foi feito. Para outras, o convite virá... daqui a pouco! Aquelas que me conhecem, o convite foi aceito, embora algumas denotassem interrogações diante das informações e, até mesmo, uma certa desconfiança. Mas acho que essa impressão pode ser apenas minha, pois há um tempo, quando alguém se aproximava para pesquisar o meu trabalho, parecia que vinha cheio de perguntas (talvez para verificar se eu sabia de verdade), de críticas (por causa do seu ar de superioridade), de sugestões (que nada correspondiam à minha realidade). Ah... Agora estou do lado de cá, como pesquisadora! Será que elas pensam como eu pensava?” (Trecho do diário reflexivo da pesquisadora).

Este registro vem ao encontro com o que Gasparotto e Menegassi (2016) apontam sobre a presença do pesquisador na escola:

“Sabe-se que a entrada do pesquisador na escola nem sempre é bem aceita pela comunidade escolar. Muitas vezes, ele é visto como aquele que observa unicamente para avaliar, sem oferecer contribuições à realidade encontrada” (Gasparotto; Menegassi, 2016, p. 950).

¹ Nos seus textos do diário reflexivo, a autora-pesquisadora se coloca numa linguagem informal, solta, deixando os pensamentos fluírem para, então, seguir para a reflexão. Esta é uma dinâmica pessoal, um mecanismo que a permite liberar o fluxo das ideias, contar os fatos e confidenciar suas impressões. Muitos registros foram suprimidos deste trabalho para não o estender demais. No entanto, os textos tiveram seu teor extraído e aproveitado na pesquisa de outras maneiras.

Dentre tantos outros, meu objetivo era dar visibilidade às profissionais de creche mediante suas concepções e ações pedagógicas. Além disso, eu me dispunha a ouvir o que elas teriam a falar, não para julgar, mas para compreender, auxiliar, colaborar, enfim, agregar ao seu processo contínuo de desenvolvimento profissional.

Não tenho pretensão nenhuma de me colocar acima de ninguém, mas junto a cada uma delas, investigar, ouvir, compreender, ouvir, olhar, ouvir, dialogar, ouvir... Eu mencionei "ouvir"? Ah... então acrescenta aí: ouvir! Porque ouvir mais nunca é demais! Aprendi muita coisa na educação, ouvindo... Ouvei crianças, ouvi famílias, ouvi gestores, ouvi professores... (Trecho do diário reflexivo da pesquisadora).

No primeiro encontro, avistei outras profissionais que eu não conhecia e tentei estimulá-las a participarem dos encontros, mas senti que havia ali uma certa apreensão.

Dúvidas surgiam do tipo "vou ter que preencher relatório?", "vou fazer isto?", "vou fazer aquilo?". Diante das inúmeras responsabilidades que elas tinham no dia a dia, eu entendo o medo de adquirir mais uma responsabilidade, mas como posso garantir que não haverá nada o que fazer numa pesquisa que preza pela colaboração? (Trecho do diário reflexivo da pesquisadora).

De fato, o professor possui inúmeras responsabilidades na sua função e, por isso, precisa avaliar aquelas que lhe ensejam novas atribuições. No entanto, a pesquisa-formação pretendia ir além da postura passiva. A participação das colegas era necessária tendo em vista o caráter colaborativo da pesquisa. Neste instante, era preciso informar os professores sobre o percurso, sanar as dúvidas, mas, sobretudo, fazê-los compreender que aqueles encontros valeriam a pena, pois a literatura infantil nos convidava a aprofundamentos teóricos, a compartilhar experiências, a transformar realidades. Nesta relação, cabe a confiança mútua de colegas que não se intimidam em desnudar realidades e discutir possibilidades. Afinal, "a articulação da pesquisa-formação representa um processo de superação das formas convencionais de pesquisa e de formação" (Ferreira; Guedes, 2018, p. 1055).

Algumas professoras pareceram não entender bem as dinâmicas do processo... Se animaram com a possibilidade da formação, mas a pesquisa parecia assustá-las. Mal sabiam algumas delas que já desenvolviam uma certa pesquisa no cotidiano: procuram livros para as crianças, leem e filtram quais lhes são acessíveis, procuram espaços para determinadas experiências de leitura, procuram dicas

pedagógicas nas redes sociais. Mas foi preciso ir mais fundo para não se acomodar na superficialidade. Esta era a minha missão! Coube a mim, como pesquisadora, ajudá-las a descobrir e aprimorar a pesquisadora que havia em cada uma delas.

2. O segundo encontro: conectando histórias e memórias

No início desse encontro, eu estava me sentindo bastante ansiosa, pois outras pessoas da gestão acompanharam o momento. Embora já tivesse experiência com formações em grupo, eu sentia que precisava provar ao grupo o valor daquele momento. A voz começou um pouco embargada, os gestos mais dinâmicos e dispersos. Mas, após alguns minutos, a segurança retomou ao seu lugar. Bastou iniciarmos uma dinâmica em que os professores contariam suas primeiras experiências com histórias e literatura infantil.

As professoras compartilharam seus desenhos em correspondência à história e, neste processo narrativo, muitas emoções fluíram entre o grupo, trazendo à tona muitas experiências afetivas com pessoas da família, livros, escola, professores etc. O prazer desse momento tornou as horas corridas e o contexto significativo para o grupo:

Este momento representou uma oportunidade para percebermos a preciosidade das infâncias e das histórias. Dar a oportunidade para as pessoas falarem o que é “sagrado” para elas é uma maneira de valorizar suas histórias e experiências. A partilha e o escutar a nossa voz nos leva a captar significados (Trecho do diário reflexivo da pesquisadora).

Ao discorrerem sobre um processo de pesquisa-formação com um grupo de professores, (Sousa; Ribeiro, 2021, p. 14) ponderam um fato importante: “Ao longo de horas semanais, essas pessoas estão envolvidas na prática sem ao menos conhecer direito com quem trabalham”. Esta situação poderia ser uma realidade entre as pessoas do grupo, tendo em vista que era o primeiro ano que os professores estavam na unidade. Neste sentido, a partilha seria uma oportunidade também para que os membros pudessem conhecer e adentrar um pouco mais na história das colegas.

Por fim, o encontro foi ornado pela contação da própria história, na partilha de memórias, talvez adormecidas pelo passar dos anos. Lágrimas, vozes embargadas,

sorrisos e olhares distantes denunciaram que uma boa história fica guardada, para sempre, na memória. E a “bela adormecida” despertou com o “beijo” da partilha...

3. O terceiro encontro: sobre a partilha e o silêncio

Enquanto as professoras foram levadas a compartilhar livros e maneiras de contar histórias com as colegas, algo me chamou a atenção: o silêncio daquelas que apenas observavam o processo. Este silêncio me angustiava de alguma forma, pois eu precisava de informações advindas do grupo. No entanto, como pesquisadora, fui levada a dar significado a esse comportamento, compreendendo que o adulto possui também as suas diversas maneiras de se manifestar.

Apoio-me nas palavras de Hawi (2016):

A voz silenciosa e o olhar que fala são traços acumulados nessa minha constituição sócio-histórica. Por esta razão, no lugar da voz, prefiro o olhar para observar atitudes, posturas, comprometimento, responsabilidade, emoções, afetividade, profissionalismo, ética e respeito (Hawi, 2016, p. 170).

Enquanto os professores se dispunham a partilhar livros, recursos e técnicas de contação de histórias, aquelas que não se manifestavam evidenciavam uma escuta e um olhar atentos, como se estivessem absorvendo o valor daquela partilha ou, até mesmo, conectando-se às suas próprias experiências, verificando novas possibilidades. Não é possível afirmar algo diante do silêncio, mas outras ações, como o olhar fixo, podem sugerir um certo interesse.

No mais, há de se destacar também aquela que, timidamente, realiza a partilha com as colegas e evidencia o valor de suas ações:

Ela parecia realizada ao compartilhar sua maneira de contar histórias para as colegas. Um pouco tímida, talvez, mas realizada. Seus pequenos trejeitos na arte da narrativa poderiam ser modelos para as colegas, embora sejamos únicos nas nossas habilidades. [...] o que seria do fantoche sem a voz e o movimento que lhe dão a vida? (Trecho do diário reflexivo da pesquisadora).

Sendo assim, cada professora, à sua maneira, contribui para a pesquisa e se beneficia com os processos formativos. Não cabe a mim, como formadora que também sou, criar obrigação, mas inspirar colaboração.

Colaboração ou cooperação? Onde eu vejo um e vejo outro? Vejo que a cooperação está na resposta de uma professora a alguma pergunta que eu lhe faça. A colaboração está na reflexão crítica, no questionamento, na investigação mútua do objeto de interesse. Cooperar parece ser mais fácil do que colaborar. A colaboração é exigente para ambos, pois requer dentre ações que desafiam a sair de si para estar com todos (Trecho do diário reflexivo da pesquisadora).

E assim foi o terceiro encontro, entre partilhas e silêncios, costurando um processo investigativo e formativo que se faz no coletivo, mas respeita as individualidades.

4. O quarto encontro: literatura, afetividade e aproximações

Ao longo de minhas formações como professora de Educação Infantil, tive bastante contato com informações acerca da importância da afetividade no relacionamento entre professor e criança, promovendo efeitos significativos no processo de aprendizagem. Este tema é muito raro para mim e percebo a importância de desdobrá-lo em variadas questões da educação, inclusive nos relacionamentos estabelecidos com a família e colegas de trabalho. Não se trata de uma romantização que estabelece contatos forçados, mas de um olhar mais profundo e afiado para suas potencialidades em variados aspectos da educação. Amorim e Calil (2020) expressam com maestria esta ideia:

A escola é lugar onde pessoas inteiras se encontram com pessoas inteiras; é nas relações, nas vivências dos grupos, que aprendemos, que nos humanizamos, que somos provocados a nos posicionar, a falar, a sentir e a nos emocionar. É preciso falar da afetividade tanto das crianças quanto dos adultos (Amorim; Calil, 2020, p. 112).

Somos seres inteiros e a escola é um lugar ideal para encorajar as pessoas a contemplarem as diferenças e as essências de cada um, inclusive as próprias. Raimundo e Terra (2021) demonstram como um olhar afiado de um professor para uma criança negra que sofria *bullying* na escola pode reverberar em ações significativas de desenvolvimento pessoal. As práticas pedagógicas ganharam significado para a turma e toda a equipe escolar à medida que incluiu todos no processo. Aliás, dentre estas práticas, incluiu-se a literatura infantil como forma de percepção e construção da identidade dos pequenos leitores.

Neste quarto encontro, procurei promover encontros por meio de uma dinâmica e da própria literatura infantil. Os encontros se deram através do olhar para si, para as crianças e para as colegas de profissão.

A dinâmica promoveu um olhar entre as colegas de trabalho que, poucas vezes, se encontravam no dia a dia, a não ser nos horários coletivos de trabalho:

No intuito de promover mais integração entre o grupo, nada como uma boa dinâmica! (Trecho do diário reflexivo da pesquisadora).

Ademais, os livros literários levados ao grupo puderam, de alguma forma, tocar sua intimidade:

O encontro que teve como base a afetividade na literatura infantil, tentou mostrar uma literatura que abraça a nossa subjetividade, nossa vida, nossa maneira de ser e estar, nossos sentimentos (Trecho do diário reflexivo da pesquisadora).

De fato, as experiências vividas neste encontro evidenciaram novas perspectivas ao tema “afetividade”, elucidando aspectos que precisam de atenção numa profissão que é baseada em relações humanas.

5. O quinto encontro: o cansaço de uma longa jornada

Era final da tarde e, ao chegar na escola, vi o cansaço e o desânimo estampados nos rostos de muitas professoras. Por um momento, pensei que parte desse sentimento se daria pela pesquisa-formação, mas não era isso. Algumas professoras haviam trabalhado nos dois períodos e começariam mais uma jornada em seguida. Era também final de semestre e todas estavam empenhadas em dar conta dos relatórios e demais atribuições referentes à época.

Às vezes o cotidiano da creche, com suas correrias e suas problemáticas cansa, desanima... (Trecho do diário reflexivo da pesquisadora).

Durante o encontro, notei que o desânimo insistia. Procurei promover algumas trocas entre os integrantes acerca de aspectos lúdicos encontrados nos livros infantis. Houve a participação dos membros do grupo:

Encontrar elementos lúdicos nos livros foi um exercício de pesquisa que levou em consideração as concepções e experiências de cada uma. Partilhamos nossos grãos. Mexemos na massa² (Trecho do diário reflexivo da pesquisadora).

O tema desse encontro era sobre ludicidade na literatura infantil e eu havia elaborado algumas propostas diferentes para aprofundamento e ênfase ao assunto, mas a empatia falou mais alto. Fui ao compasso do grupo, considerando seu esgotamento e tentando garantir leveza ao momento.

6. O sexto encontro: o mediador de leitura

Levei ao grupo um artigo para a leitura coletiva³ de uma parte do texto, embora um pouco preocupada se essa estratégia de estudo seria entediante. No entanto, já havia comentado com as professoras que um mediador de leitura precisa ser, sobretudo, um leitor assíduo. Professores precisam fomentar a leitura de obras infantis para que possam conhecê-las e aguçar os critérios diante da qualidade literária, além de prover uma autoformação diante das demandas da profissão.

O professor precisa ler mais. Como a criança vai se interessar por algo que parece entediante para os adultos? Como ela vai ter contato com um livro de qualidade se o adulto não tem critérios porque mal leu o que ofereceu a ela? (Trecho do diário reflexivo da pesquisadora).

Para elas, levei um artigo leve, mas extremamente significativo, lendo em consideração as informações ali contidas. Foi um texto ideal para ampliar os conhecimentos acerca dos livros, das crianças e do professor. A partir dele, o grupo expôs algumas situações importantes que me levaram a pensar nos diferentes elementos que influenciam a prática docente.

O que um livro precisa ter para ser considerado um bom livro pelas professoras? Em cada fala, há um sentido mediado pelas suas experiências. E essas, experiências, hein? Hoje eu ouvi vozes que foram além do “bom livro”, as vozes ecoaram desafios que podem anular, até mesmo, o melhor livro do mundo se não houver uma boa mediação, um bom planejamento, uma boa resiliência, uma expertise... (Trecho do diário reflexivo da pesquisadora).

² Em alusão à história “A galinha ruiva” que havia sido contada ao grupo neste encontro. Nessa história, a galinha procura a ajuda de amigos para fazer um pão com os grãos de trigo que havia encontrado.

³ Cada participante poderia ler um trecho do texto em voz alta para o grupo.

Enfim, o encontro foi adornado pelas trocas e vozes sinceras que descortinaram uma parte da realidade docente frente às suas dores e seus sabores.

7. O sétimo encontro: o valor de um professor de creche

A expressão “fechar com chave de ouro” pareceu cair bem ao último encontro de pesquisa-formação vivenciado com as professoras. Demos continuidade ao ressoar das vozes docentes contemplando seu cotidiano repleto de conquistas e desafios. Contudo, cabe um destaque aos “gestos embrionários do ato de ler”, cujo tema era desconhecido pelas professoras, mas coroou sua capacidade de enxergar o valor de suas ações para prover a imersão literária das crianças.

Elas pareciam encantadas com a descoberta dos “gestos embrionários do ato de ler”, pois foi dado nome àquelas miudezas tão significativas para o desenvolvimento do futuro leitor. Elas já sabiam da importância daqueles gestos, mas ao ver pesquisas sobre o assunto, a confiança parecia abraçar cada uma delas. Mediar este processo tão bonito de aprendizagem das professoras, requer responsabilidades, mas é muito prazeroso (Trecho do diário reflexivo da pesquisadora).

Há um brilho no olhar de quem descobre um tesouro. Os olhos de algumas professoras refletiam o brilho da descoberta de si, do seu valor, do seu potencial como profissional da infância. Pensei naquelas cenas de filmes, quando alguém abre um baú repleto de joias, ouro, prata... O personagem olha para o baú e a luz é refletida em seus olhos. Para entender o valor daquele tesouro, o espectador não precisa que a câmera esteja posicionada sobre as joias, basta ver o seu brilho refletido nos olhos do personagem ou ver seu sorriso largo. Eu fui a espectadora das minhas parceiras e me regoziquei ao contemplar suas descobertas. Nós crescemos juntas a cada encontro! Com elas, aprendi a ser melhor como pesquisadora e formadora.

8. A entrevista individual: quando a transformação se torna mais evidente

Após este último encontro coletivo, encontrei-me com seis participantes durante uma entrevista individual semiestruturada. Este momento foi também bastante valioso, pois senti que o encontro particular as encorajou a falar mais sobre as

experiências que tivemos juntas. Assim, na entrevista, alguns silêncios de outrora deram vez ao desabafo corajoso e ao relato de práticas pedagógicas.

Naquele instante eu senti que ela estava mais à vontade para falar, desabafar. Estava diferente, mais solta! (Trecho do diário reflexivo da pesquisadora).

No geral, as palavras ditas por cada professora demonstraram que, em relação à literatura infantil, o percurso de pesquisa-formação fomentou, acima de tudo, uma reflexão mais profunda diante de suas práticas com as crianças. Isso tornou-se nítido pelos relatos que evidenciaram mudanças de estratégias na prática, apontamentos críticos diante da realidade e uma valorização ainda maior ao trabalho literário com os pequenos.

Como exemplo destas transformações, os livros passaram a ser selecionados com mais critérios:

“[...] ler o livro antes, conhecer a história antes, né? Querer trazer outros livros. Tô pegando livros da outra escola também, tô trazendo” (Chapeuzinho Verde).

“[...] eu tento buscar o que é mais direcionado pra idade deles” (Chapeuzinho Bege).

Houve uma maior inspiração diante da confecção dos recursos para a contação de histórias, maior atenção ao uso da voz e dos trejeitos durante as narrativas e um cuidado ampliado na hora de planejar os momentos literários para as crianças, tendo em vista as dimensões tratadas nos encontros.

Ela me mostrou os recursos que havia feito para a contação de histórias, além destes momentos com as crianças (Diário reflexivo da pesquisadora).

“Um personagem com um tipo de voz, outro personagem com outro tipo de voz” (Chapeuzinho Azul).

“[...] aí eu trouxe peruca de palhaço, nariz, de palhaço” (Chapeuzinho Marrom).

“[...] comecei a variar o local de leitura. Você acha ‘poxa, posso melhorar aqui’” (Chapeuzinho Preto).

“Então eu tento ver o que a escola tem, oferece, o que eu tenho e o que tem na sala. Aí eu já distribuo durante a semana ou durante o mês” (Chapeuzinho Bege).

Uma das professoras relata, ainda, o interesse em fazer dois cursos sobre o tema, indicados pela pesquisadora no grupo de WhatsApp.

“Eu fiz até a inscrição de dois cursos ali” (Chapeuzinho Bege).

Aliás, Chapeuzinho Bege havia lido algumas partes do livro de Parreiras (2012), que trata sobre a literatura voltada aos bebês e o citou durante a entrevista.

Algumas professoras relataram também que essas mudanças repercutiram no interesse e na curiosidade das crianças.

“Hoje eu vejo que eles estão mais curiosos. Eles estão interagindo mais. Eu acho que antes a gente ainda precisava chamar atenção, propor pra que eles viessem. Hoje, como a gente sabe que eles podem escolher estar ali ou não. Eu acho que agora parece que eles querem estar ali, né, naquele momento” (Chapeuzinho Amarelo).

“Aí eu pego o livro e começo a ler sozinho assim andando pela sala. Todo mundo já corre. “Leitura! História!”. Já corre, já senta pra ouvir a história” (Chapeuzinho Preto).

“Quando eu falo assim ‘vamos sentar pra ver a história’. Aí eles mesmos já vão lá no cantinho que é da história” (Chapeuzinho Bege).

Entre os relatos cheios de alegria diante dos avanços e aqueles relatos críticos diante de uma realidade que desafia, eu retornei, algumas vezes, às minhas experiências como professora de crianças tão pequenas, “mediando e remediando” situações diversas e adversas. Outrora eu estava com os bebês contando uma história cheia de entusiasmo, mas havia sido interrompida por um chorinho vindo de uma criança. Em alguns instantes, lá estava eu, com o livro nas mãos, a criança no colo e o restante da turma, todos embalados pelo som da literatura e o movimento do cotidiano. Talvez, se estivesse neste percurso de pesquisa sem a experiência como professora em creche, não haveria a comunhão necessária de sentidos e significados docentes, a empatia diante dos relatos, o valor agregado à função. O olhar crítico ultrapassa a superficialidade das impressões quando está imerso na realidade imposta e é sensível aos diferentes elementos que o compõem.

Conclusão

Parte das ideias escritas no diário reflexivo da pesquisadora já foram contempladas no decorrer deste trabalho no que se refere à análise das informações. Estas preciosidades passaram pelo entalhe da linguagem acadêmica, costurando relações entre práticas e teorias. No sentido de contextualizar um pouco mais sobre a pesquisa, tomando a forma de uma narrativa na primeira pessoa, com alguns trechos e reflexões retirados do diário da pesquisadora e distribuídos em breves tópicos que discorrem sobre cada encontro.

Para esta pesquisa, o diário reflexivo serviu como um apoio importante na captação de sentidos e significados do contexto de pesquisa-formação. As narrativas acerca das experiências vividas pela pesquisadora, principalmente durante os processos de encontros com as professoras, permitiram um contato ampliado com novas perspectivas, além de revisitar conceitos e refletir sobre a realidade que se impunha, nua e crua, com seus avanços e seus desafios.

Sendo assim, o diário reflexivo, como instrumento de pesquisa, mostrou-se como um alicerce importante para o acompanhamento da pesquisa no seu desvelamento ao longo dos encontros. Em cada encontro, emergiram narrativas, ideias e conhecimentos que precisaram de um olhar focado nos objetivos, além de uma sensibilidade despertada pelas circunstâncias que, potencialmente, desencadeiam novos sentidos e significados.

Referências

AMORIM, Gabriela de Castro Loech; CALIL, Ana Maria Gimenes Corrêa. A afetividade nos documentos oficiais da Educação Infantil: uma questão a ser explorada. **Devir Educação**, v. 4, n. 1, p. 93-115, 2020.

ANDRÉ, Marli. Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, p. 66-71, mai. 1983. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1491>. Acesso em: 25 de outubro de 2022.

FERREIRA, Michelle Dantas; GUEDES, Adrienne Ogêda. Arte, estética e diálogo na Educação Infantil: registros invisibilizados e sentidos (des)sensibilizados. **Roteiro**, UNOESC [online], 2018, vol. 43, n. 3, p. 1051-1070. Disponível em: <https://doi.org/10.18593/r.v43i3.16481>. Acesso em: maio de 2022.

GASPAROTTO, Denise Moreira; MENEGASSI, Renilson José. Aspectos da pesquisa colaborativa na formação docente. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 948-973,

set./dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2016v34n3p948>. Acesso em: julho de 2022.

HAWI, Mona Mohamad. “Conflito e negociação de sentidos, por meio da reflexão crítica”. In: IBIAPINA, I. M. L. de M.; BANDEIRA, H. M. M.; ARAÚJO, F. A. M. (Orgs.). **Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes**. Teresina: EDUFPI, 2016.

PARREIRAS, Ninfá. **Do ventre ao colo, do som à literatura: livros para bebês e crianças**. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

RAIMUNDO, Alessandra Cristina; TERRA, Dinah Vasconcellos. Educação para as relações étnico-raciais na Educação Infantil: a história de Sophia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, p. e27018, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/108168>. Acesso em: maio de 2022.

SIGALLA, Luciana Andréia Afonso; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. Análise de prosa: uma forma de investigação em pesquisas qualitativas. **Revista Intersaberes**, 2022, vol. 17, n. 40, 100-113. Disponível em: <https://doi.org/10.22169/revint.v17i40.2276>. Acesso em: junho de 2023.

SOUSA, Clara Maria Miranda de; RIBEIRO, Marcelo Silva de Souza. Pesquisa-formação: diários reflexivos sobre os cuidados com professoras da Educação Infantil. **Eccos - Revista Científica**, São Paulo, n. 57, p. 1-18, e13682, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n57.13682>. Acesso em: junho de 2022.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.